*Lirian Ribeiro Monteiro e Cecília Anne McCallum*

# A NOÇÃO DE "BEM VIVER" HUPD'ÄH EM SEU TERRITÓRIO


## RESUMO

O interior da floresta é o local onde os Hupd'äh, grupo indígena do Alto Rio Negro – Amazonas (Brasil) se sentem seguros e felizes e é para acampamentos de caça que muitas famílias se direcionam, sobretudo, em períodos de fartura. Passear no mato seja para coletar frutos, caçar, extrair cipó ou seguir trilhas para visitar parentes em outras comunidades, é realmente um momento de felicidade, onde os Hupd'äh se sentem completamente à vontade. Geralmente, a oferta de alimentos diminui entre os meses de junho–julho a novembro–dezembro, quando não há abundância de frutos do mato e menos possibilidade de carne de caça, o que se caracteriza por um período de escassez alimentar. Esta comunicação pretende apresentar uma análise da relação dos Hupd'äh com o seu território — atentando para a noção de "viver–bem" a partir de dados levantados decorrentes de experiência etnográfica entre os Hupd'äh bem como da literatura etnológica da região.


**Palavras–chave:** *Alto Rio Negro; Povos Indígenas do Amazonas; Território; Bem Viver.*

## THE HUPD'ÄH NOTION OF LIVING WELL IN THEIR TERRITORY


## ABSTRACT

The interior of the forest is where the Hupd'äh, indigenous group of the Upper Rio Negro, Amazonas state, Brazil, feel safe and happy and it is to hunting camps that many families go at times of plenty. When perambulating in the forest, whether to collect fruit or vines, hunt, or visit relatives in other communities, is really a moment of happiness, a time when Hupd'äh feel completely at ease. Generally, the food supply decreases during the months between June-July and November-December, when fruits of the forest are scarce and there is less possibility of catching game, leading to a period of food shortage. This paper aims to present an analysis of Hupd'äh relationship with their territory, paying attention to the notion of "living well" as it emerges from analysis of data collected during an ethnographic experience among Hupd'äh, as well as from the ethnological literature on the region.


**Keywords**: *Upper Rio Negro; Indigenous Peoples of the Amazon; Territory; Living Well.*

Lirian Ribeiro Monteiro. Antropóloga – Instituto Socioambiental (ISA). liriamon@yahoo.com.br

Cecília Anne McCallum. Professora adjunta, Departamento de Antropologia & PPGA - Programa de Pós-Graduação em Antropologia – Universidade Federal da Bahia. cecilia.mccallum@uol.com.br

O presente artigo explora a relação contemporânea com o território dos Hupd'äh de Barreira Alta, um povo amazônico renomado como caçador–coletor, quatro décadas após seu assentamento na margem do rio Tiquié, como vizinho e cliente de outro grupo indígena da família linguística Tukano Oriental e de tradição horticulturalista[1]. Nossa intenção é refletir sobre sua mobilidade territorial na atualidade e nosso ponto de partida para a discussão da relação Hupd'äh com o seu território (s'àh) é a noção nativa de "viver bem"–"*náw ibiy*"[2], que abordamos a partir de dados levantados em pesquisa de campo entre 2009 e 2010, bem como da produção etnológica sobre a região. Concordamos com Becerra (1999) em que os Hupd'ah sempre lançaram mão de uma pluralidade de estratégias na sua relação com o território. Sugerimos que em vez de enfatizar, sobretudo, os aspectos éticos ditos objetivos da sua vida socioeconômica, é necessário também apreciar os aspectos êmicos. A discussão da noção Hupd'äh de "viver bem" nos leva a uma revalorização das formas de sociabilidade vivenciada em períodos passados no interior da floresta. Sobre a importância dos conceitos indígenas de "viver bem" para abordar a socialidade entre povos amazônicos, Belaunde 2001, McCallum 1998, Overing 1999, Overing e Passes 2000, entre outros.

Os Hupd'äh evidenciam uma aparente contradição em suas atitudes às mudanças vivenciadas no último semisséculo, quando abandonaram uma vida mais independente e marcada por alta mobilidade, para morar sujeitos aos Tukano. De um lado, dizem que não gostariam de retornar a vida seminômade dos antigos; mas de outro, demonstram em suas práticas e suas falas uma supervalorização dos momentos em que perambulam no seu território, no estilo dos seus avós. Para essas pessoas, o "viver bem" está fortemente associado ao estar no interior da floresta, quando estão engajadas nas formas de consumo e de sociabilidade ligadas à caça e coleta. Contudo, atualmente, buscam aliar a vida no interior do mato com a vida no povoado próximo aos seus vizinhos e patrões Tukano. No que segue, sugerimos a necessidade de pensar o *ethos* Hupd'ah como emergente de um conjunto de disposições — de um "habitus" — que recria e reforça a sua distinção dos não–Hupd'äh (como os Tukano e os brancos) e que pode ser em primeira instância rubricada como próprio de um povo caçador–coletor. Nosso argumento é de que uma abordagem fenomenológica, que inclui consideração da constelação de desejos e das emoções compartilhadas por essas pessoas, contribui para um entendimento mais nítido da sua relação com o território, ao distanciar a discussão das dicotomias associadas ao par tradição–modernidade e ao paradigma da

aculturação. Na atualidade, interpretamos a vida moderna dos Hupd'äh como orientada pelos afetos e conceitos suscitados pelas suas atividades, inclusive aquelas nas quais se engajam durante os períodos que passam na floresta, e não como decorrente de uma 'aculturação' sofrida no passado.

## Sobre os Hupd'äh

"Hupd'äh" refere a um grupo indígena pertencente à família linguística denominada, na literatura etnológica, Maku[3]. Até a década de 1990 os Hupd'äh, que habitam os interflúvios dos rios Uaupés, Papuri e Tiquié, na região do Alto Rio Negro, Amazonas, eram considerados um povo de alta mobilidade territorial possuindo a caça e a coleta como atividades básicas de subsistência.

De acordo com Ramos (1980) e Silverwood-Cope (1990), se diferencia duas áreas principais na região do rio Uaupés e seus afluentes Papuri e Tiquié: a ribeirinha e o interior da floresta. Na área do rio habitam distintos grupos étnicos cuja língua franca é "Tukano", que se caracterizariam como "sedentários" e se assemelham nos aspectos socioeconômico-culturais, mas se diferenciam entre si linguisticamente. Estes grupos ribeirinhos desenvolvem atividades horticulturalistas, especialmente o cultivo da mandioca, alimento básico da região (v. Athias 1995; Ramos 1980; Reid 1979). A outra área é o interior da floresta, aonde vivem os grupos étnicos da família linguística Nada hup, povos distintos dos ribeirinhos nos aspectos sociais, econômicos e culturais, inclusive na língua. Nesta região, do lado brasileiro, os grupos étnicos Hupd'äh e Yuhup mantém maior contato com os índios ribeirinhos, sobretudo com o grupo étnico Tukano.

Os Hupd'äh são compostos por mais ou menos 25 clãs, espalhados entre os rios Papuri, Tiquié e Uaupés, ocupando territórios próprios no interior da floresta e também — desde o contato direto com os missionários salesianos, nos idos dos anos 1960 — os territórios de outros grupos étnicos, todos habitantes às margens dos rios. Em 2010, quando Monteiro foi para o campo, 34 famílias ou 161 Hupd'äh viviam na comunidade Tukano, do grupo Turoponã de Barreira Alta, no rio Tiquié.

Até o presente momento, não foi possível precisar o número total estimado da população Hupd'äh. Mas, de acordo com um estudo do perfil demográfico

dos Hupd'äh realizado entre 2000–2003 (Machado et al. 2009: 39), estes somavam aproximadamente 1.427 indivíduos em 2002.

Os estudos antropológicos, entre 1970 e 1990, referiram-se ao mundo Hup como constituído em três espaços: (1) aldeia Hup — no interior da mata; (2) aldeia Tukano — na beira do rio; e (3) acampamentos de caça Hup, mostrando que os deslocamentos constantes conferiram ao grupo um alto grau de mobilidade territorial (Athias 1995; Pozzobon 1991; Reid 1979 *apud* Marques 2009). Com a maior permanência dos Hupd'äh em um único local, que se inicia, de forma mais significativa, na década de 1960, estimulado pelos missionários salesianos, estão ocorrendo mudanças significativas. Muitos Hupd'äh que habitam regiões ribeirinhas adotam costumes da família linguística Tukano Oriental, como é o caso dos Hupd'äh de Barreira Alta.

Na atualidade, o mundo Hup de Barreira Alta se refere, basicamente, a dois espaços: assentamento na aldeia Tukano — beira do rio — e acampamentos de caça, no interior da floresta, com a ressalva de que os moradores ainda continuam transitando em outras localidades, como: comunidades Tukano, prestando serviços; em comunidades Hupd'äh, visitando parentes e em São Gabriel da Cachoeira, realizando compras e resolvendo questões burocráticas — contratos de trabalho com a Secretaria Municipal de Educação para os professores; Distrito Sanitário Especial Indígena, para Agentes Indígenas de Saúde; aquisição de documentos: certidão de nascimento, registro geral, cpf, título de eleitor, carteira de trabalho; aberturas de contas bancárias e inscrição em benefícios sociais como: aposentadorias e bolsa família.

Em relação ao centro urbano, pode-se dizer que os Hupd'äh "abriram uma nova trilha" que os levam até a cidade de São Gabriel da Cachoeira com mais frequência em relação aos anos anteriores a 2004, o que, aliás, lhes possibilita algumas vantagens. Uma delas é que passaram a ter mais autonomia em relação à intermediação dos Tukano para a aquisição de produtos industrializados, uma vez que o acesso à cidade passou a ser uma fonte de recursos, a partir do programa Bolsa Família e, ainda que incipiente, da contratação assalariada de professores e agentes indígenas de saúde Hupd'äh pela Secretaria Municipal de Educação e pelo Distrito Sanitário Especial Indígena, respectivamente.

Por outro lado a cidade oferece grandes desvantagens aos Hupd'äh sendo que estes ficam expostos aos diversos tipos de violência advindos do consumo excessivo de álcool, das relações assimétricas com os comerciantes locais e outros grupos étnicos, onde geralmente os Hupd'äh saem explorados,

endividados e, em alguns casos, até ameaçados de morte. Nesse caso os Hupd'äh possuem uma noção contrária ao "*Náw ibiy*", que seria "*Páy mún kërës*", significando em português "não possuir nada". Para os Hupd'äh o *páy mún kërës* só trás sofrimento. Essa expressão geralmente está associada aos momentos quando a pessoa não tem àquilo de que necessita, se na cidade ela não tiver dinheiro para se manter ou se na comunidade ela não tiver roça, condições para pescar, caçar e coletar frutos chega o sofrimento, podendo expressar tal emoção com a frase *"páy mún kërës"*. Resumindo, as expressões "*náw ibiy*" e "*páy mún kërës*" estão associadas aos sentimentos decorrentes das condições necessárias que um grupo de fogo, local ou regional necessitam para viver.

Monteiro visitou os Hupd'ah repetidamente entre 2004 e 2010. Durante essas visitas muitos chegavam a expressar que não queriam voltar a ser "Maku", ou seja, voltar a morar no mato, pois uma vida "civilizada", segundo eles, seria ter escola, atendimento de saúde, morar na beira do rio, viver como os Tukano, trabalhar como professor e/ou agente indígena de saúde, assim como poder ir à cidade comprar roupas, rádios e demais produtos industrializados. No entanto, para os Hupd'äh, morar em uma comunidade à beira ou próxima ao rio não exclui a possibilidade de incursões ao interior da mata para descansar, passear e aproveitar para caçar e coletar frutos ou vice-versa. Como sinaliza Kelly (2005), as transformações no habitus não implicam em processos de perda cultural ou de contaminação, o que seria uma visão muito simplista. No lugar disso, é importante reconhecer que estas transformações são produtos de processos de interação inter-étnicos diversificados.

## Transformações históricas: chegando a Barreira Alta

Na literatura sobre os chamados Maku, recentes estudos sobre os grupos que vivem em território fronteiriço ao lado colombiano enriquecem nosso entendimento acerca dos Hupd'äh em relação à organização socioeconômica e política em seu território. Os Hupd'äh afirmavam que foram os originários da região do Alto Rio Negro, onde viajavam a pé pelo interior da floresta (Reid 1979 *apud* Cabrera Becerra et al. 2000: 146). Durante o trabalho de campo de Monteiro (2011) os Hupd'äh de Barreira Alta concordaram com

esta afirmação. Dizem que foram os primeiros a chegar ao rio Tiquié e que vieram pelo mato até avistarem um rio que tinha muito peixe, quando voltaram para avisar os Tukano, que ainda se encontravam no rio Papuri. Segundo um informante do clã Sokwät Nöh Köd Tëh D'äh, o primeiro homem Hup a chegar ao rio Tiquié se chamava Wayá e pertencia ao clã Pij- Noáh-Tëh. Nessa época os ancestrais dos Hupd'äh, que hoje moram em Barreira Alta, residiam nas proximidades dos igarapés Turi e Macucu, no rio Papuri.

É importante frisar que o processo de colonização conduziu, em certa medida, os sucessivos deslocamentos e maior permanência dos Hupd'äh, como também de outros grupos étnicos, para o interior da mata logo na primeira metade do século XVII, época das primeiras explorações do rio Negro. Desde então, a região do Alto Rio Negro passa a ser a principal região que irá abastecer o Grão Pará e Maranhão de escravos indígenas. Eram as tropas de resgate, "expedições, destinadas à captura de escravos indígenas, que passariam a devassar as distantes regiões dos rios Negro e Amazonas, financiadas pelo governo colonial e por proprietários de fazendas e engenhos" (Andrello 2006: 71). Estas tropas enfrentavam locais de difícil acesso para promover as chamadas "guerras justas", o que na época justificava legalmente a escravização de indígenas, pois "salvavam" os cativos de guerras da suposta antropofagia por seus captores e, em troca, estes cativos deveriam pagar a dívida, entregando suas vidas com a servidão na colônia do Grão Pará e Maranhão.

Os Hupd'äh chegaram a se refugiar no centro da região interfluvial entre os rios Papuri e Tiquié, no período do ciclo da borracha no século XIX, como resposta aos sucessivos ataques violentos dos brancos (Reid 1979 *apud* Cabrera Becerra et al. 2000: 146).

Um dos homens, que se tornou famoso na região do Alto Rio Negro por seus atos violentos foi "Manduca", o português Manoel Antonio de Albuquerque, um "diretor" de índios, que mesmo após a extinção do cargo em 1866, o exerceu chegando a residir no rio Uaupés, em uma comunidade chamada Bela Vista, onde ainda hoje é possível ver as ruínas de sua casa à margem esquerda do rio. Segundo Andrello:

> O chamado subprefeito era conhecido entre os índios como Manduca, tristemente célebre no Uaupés pelas violências que viria a praticar. O estabelecimento da família Albuquerque nesse sítio constituía um evento inédito: excetuando-se curtos períodos de ação missionária, era a primeira vez

na história da colonização que um "civilizado" instalava-se permanentemente no Uaupés com finalidade de exploração econômica. (Andrello 2006: 104)

Em conversa com Monteiro um xamã Hupd'äh de Nova Fundação lhe informou que na época do Manduca, os Hupd'äh viviam mudando de lugar e sempre com medo de serem capturados por seus capangas, pois sabiam que seriam levados como escravos e, por isso, se escondiam não informando aos Tukano seus novos locais de acampamentos por medo que estes os entregassem ao Manduca, uma figura aterrorizadora não só para os Hupd'äh, mas também aos demais grupos étnicos da região.

Nesse sentido, os missionários salesianos chegam à região nas primeiras décadas do século XX oferecendo certa segurança aos indígenas em relação aos comerciantes, pois vão combater enfaticamente esses ataques violentos nos povoados, sobretudo os balateiros colombianos, o que acaba por lhes conferir maior credibilidade frente aos indígenas uaupesinos do lado brasileiro. No entanto, as relações dos salesianos com os comerciantes brasileiros serão mais "nuançadas", como aponta Andrello (2006: 106), pois "[...] considerando a magnitude de seu projeto, os religiosos dependeriam igualmente do trabalho indígena e, assim, da distribuição de mercadorias, de modo que estabelecessem com estes, relações análogas àquelas que mantinham os serigueiros" (ibidem).

Na década de vinte do século XX, duas missões foram instaladas no rio Uaupés, sendo uma em 1923, em Taracuá do Uaupés e outra em 1929, em Iauaretê e, posteriormente, em 1940, em Pari Cachoeira — no alto Tiquié (Andrello 2006: 105). A missão salesiana construiu, com a mão–de–obra indígena, internatos com o objetivo de catequizar, alfabetizar na língua portuguesa, formar mão–de–obra na área da carpintaria, jardinagem, agricultura, pastagem, corte e costura etc. Esses internatos foram o destino de muitas crianças indígenas da região. A maioria dos adultos indígenas do rio Tiquié, inclusive alguns Hupd'äh (e até mesmo de outras calhas de rio da bacia do Uaupés) chegaram a residir no internato. Muitos, sobretudo os Tukano, lembram que por muitas vezes apanharam por falarem sua língua, pois a regra imposta era expressar-se apenas em português e quem não soubesse, deveria manter-se calado. Caso falassem em língua nativa, o castigo era a "palmatória". Todos os Hupd'äh — com quem Monteiro chegou a conversar no rio Tiquié — fugiram do internato, refugiando-se no interior da mata com exceção de uma Hupd'äh, que ficara órfã em sua tenra infância indo residir, então, com as irmãs salesianas em Pari Cachoeira por oito anos. Um dos resultados do convívio com as freiras foi a perda da própria língua, o que

vai resgatar posteriormente em seu retorno para a comunidade Hupd'äh, em Taracuá–Igarapé — baixo rio Tiquié.

Esses sucessivos acontecimentos de tentativas colonizadoras no rio Negro limitaram a mobilidade Hupd'äh forçando-os a maior permanência no interior da mata. Possivelmente, anterior ao processo de colonização, as relações com seus vizinhos Tukano e, até mesmo entre os clãs Hupd'äh, promoviam uma alta mobilidade entre o interior da mata e a beira do rio, o que pode caracterizar a falta de roça mais pelo fato de perambularem no território durante a maior parte do ano do que por falta de conhecimentos técnicos em agricultura. (Reid 1979 *apud* Cabrera Becerra 1999: 6) aponta que os Hupd'äh costumavam dizer que antigamente não trabalhavam com agricultura e viviam basicamente da caça e coleta de frutos.

Como recordou um Hupd'äh de Barreira Alta: "na época dos meus avós, a gente não tinha roça porque não tinha machado, mas a gente trabalhava para os Tukano e comia mandioca. Quando a gente estava no mato comia aqueles cará do mato" (Monteiro 2011: 37), já outros Hupd'äh chegaram a informar que seus avós possuíam roças, que estas eram abertas com um tipo de machado de pedra. Eram roças bem pequenas e, na época, os velhos evocavam o vento para ajudar a derrubar as árvores no local onde as manivas seriam plantadas. Os Hupd'äh recebiam as manivas (*Manihot Sp.*) dos Tukano, em troca do trabalho realizado em suas roças.

De maneira geral, todos os Hupd'äh costumam informar que sempre trabalharam na roça dos Tukano. Seus serviços eram solicitados na agricultura e para a construção de casas. Os Hupd'äh costumavam chegar à comunidade de seus patrões juntamente com suas famílias (grupos de fogos) para passar um período trabalhando e tomando caxiri[4] juntos. Geralmente trocavam o trabalho de plantio da roça por mandioca, beiju e farinha, também costumavam trazer carne de caça para trocar com os Tukano. Após período despendido na comunidade ribeirinha, voltavam para suas casas, no interior da mata. "Naquele tempo tinha muita festa, era todo mundo alegre", afirmavam os Hupd'äh em muitos momentos de reflexão, quando comparam a escassez de carne de caça da atualidade em relação ao passado, levando em consideração que a fartura de carne de caça também corresponde aos momentos de festas e boas doses de alegria e satisfação. Há um trecho de relato de uma mulher Hupd'äh, a mais idosa da comunidade indígena ribeirinha de Barreira Alta, que expressa o estilo de vida Hup antes de um contato mais intenso com a

missão salesiana. Neste caso, o relato dessa senhora, do clã Dëh-Puh-Tëh-D'äh (Filhos da Espuma da Água), é sobre sua vida na juventude, no início de seu casamento, em meados do século XX, com um homen do clã Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh (Filhos do Bico do Tukano), antes de se fixarem em Barreira Alta na década de 1970:

> Depois nós fomos para o Huy Hóy, onde Antonio morava no igarapé Payá (no rio Tiquié) e depois descemos para Barreira para trabalhar na roça do finado Fortunato Marinho e ficamos um tempo trabalhando com eles e depois retornamos para Huy Hóy. Minha mãe e pai chegaram para me visitar. Quando minha mãe chegou, ela falou: "Balbina, você é minha única filha, por isso, vim lhe visitar"; e depois me levou junto com Antonio e Joaquim (irmãos do clã Sokwät Noh Köd Tëh d'äh) para o Igarapé Cumá (afluente do Igarapé Cabari–rio Japu). Aí, chegamos ao Igarapé Cumá e ficamos muito tempo por lá. Ali, eu fiquei grávida do primeiro filho e ganhei lá o Mário. Depois descemos em uma comunidade Desano para trabalhar. Ficamos nessa comunidade trabalhando. Eu ajudava a fazer caxiri, os Desano fizeram Dabucuri para mim. (Ya'am Keg Dëh Puh Tëh ãy / Balbina Marques Andrade. Informante Hupd'äh. Tradução simultânea para o português: Ricardo Dias Pires. Monteiro 2011: 37)

O depoimento de Dona Balbina chama à mente o conceito que Reid (1979: 84) utiliza para este tipo de mobilidade em curto prazo, "*short term mobility*", que Athias (1995) traduz por "mobilidade logística". A noção remete a todo o movimento que pequenos grupos, ou ainda "grupos de fogo"[5], realizam em suas atividades de produção, ou seja, quando se deslocam para realizar um trabalho para os Tukano por tempo determinado, ou quando vão visitar parentes em outras localidades, ou ainda realizar caçaria e coleta de frutos por um período, para depois retornar ao povoado. Reid (1979) distingue o "*short term mobility*" (mobilidade em curto prazo) do "*long term mobility*" (mobilidade em longo prazo) ou "mobilidade residencial" (Athias 1995). Este último remete ao movimento de um grupo local que se desloca para residir em outro povoado, como foi o caso dos Hupd'äh ao se deslocarem em direção à Barreira Alta na década de 1970.

A memória Hupd'äh do lugar é também reforçada pelas incursões que ainda realizam no interior da mata, pelo constante contato que possuem com seus antigos locais de moradia, ao irem coletar frutos, caçar, extrair cipó, pescar em igarapés. Normalmente, esses locais são nomeados, mas algumas vezes dizem apenas "sítio velho" (*móy höd*). Para estudar a relação entre os Hupd'äh

de Barreira e o seu território, focalizamos aqui os percursos territoriais de dois clãs afins (*kót*) e corresidentes em Barreira Alta: os Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-D'äh (descendentes do Bico do Tucano) — os Sokwät; e os Ya'ám-Dúb-Tëh-D'äh (descendentes do Rabo de Onça) — ou "Ya'ám-Dúb". Os sítios velhos (*móy höd*), dos quais falam os Hupd'äh, são as localidades que viveram no passado e onde atualmente não há moradores. O termo Hupd'äh para vila ou assentamento é Hayám. Interessante notar que os Hupd'äh chamam de Hayám tanto uma cidade grande, como o município de São Gabriel da Cachoeira, quanto um povoado como Barreira Alta. Por contraste, chamam de "sítio"[6] os povoados pequenos habitados por uma ou duas famílias. Os grupos Tukano também costumam chamar de sítio os locais que possuem uma ou dois casas. Atualmente, para os Hupd'äh os sítios velhos geralmente servem de acampamento de caça ou como pontos de referência, durante as caminhadas na mata.

Certa vez, durante caminhada com uma família Hup para um acampamento de caça, Monteiro passou pelo Döb-dëh móy höd (sítio velho Acará Poço), um sítio velho que os Hupd'äh do clã Sokwät-Nöh-Köd-Tëh-d'äh viveram antes da chegada dos missionários, ainda no século XX. O homem de referência, do clã Sokwät de Barreira Alta, informou que mesmo antes dos Tukano do grupo Turoponã — que vieram do Papuri — chegarem ao rio Tiquié, os Sokwät já haviam residido no sítio "Döb-dëh".

Somente após a chegada dos missionários salesianos, quando os Tukano do clã Turoponã já estavam vivendo em Barreira Alta, os Sokwät retornaram para o sítio velho "Dob Dëh", que já "havia se tornado a capoeira dos Tukano"; ou seja, era um local onde os Tukano tinham suas roças e que, depois de utilizadas, permitiram aos Hupd'äh a moradia. Foi no Döb Dëh, em meados do século XX, que o irmão mais velho dos Sokwät de Barreira Alta, convidou os Hupd'äh do clã Ya'ám Dúb para se juntar a eles e assim ficarem mais próximos do rio Tiquié, conforme solicitação dos missionários salesianos. Por esse motivo os Hupd'äh de Barreira Alta consideram o Döb Dëh móy höd (sítio velho igarapé Acará), um território dos Sokwät-Noh-Kod-Teh-D'äh, enquanto os Hupd'äh do clã Kög-Kég-Tëh-d'äh (descendentes do osso do macaco zogue-zogue) consideram o Dôb Dëh nó' (foz do igarapé Acará), seu território pelo fato de ali estar enterrado o avô do xamã Hup de Barreira Alta, o qual pertence ao referido clã. O avô falecido foi considerado um xamã muito poderoso de sua época.

Os Ya'ám-Dúb-Tëh-d'äh (descendentes do rabo de onça) chegaram a viver com os Miriti-Tapuia, um grupo étnico da família linguística Tukano, na comunidade Iraiti, localizada à margem direita do rio Tiquié (Bokótöy búg – Trempe de barro).

Após a saída da comunidade Iraiti, os Ya'ám Dúb foram morar na cabeceira do Yiyiw dëh (igarapé de Maniuara), no povoado chamado Somóh Dóh (Irara Podre). Em uma visita aos Sokwät — seus cunhados — no sítio velho Kög Pó, um Ya'am Dub casou-se com uma Sokwät, e assim os Sokwät foram convidados a morar juntos com os Ya'am Dúb no sítio velho Somoh Dó. Após um tempo, os Ya'ám Dúb entregaram o povoado aos seus cunhados — os Sokwät — e seguiram para povoar outro local, no Sidëh Sùk hoy (Lago de Frieira). Neste local, eles plantaram "moç" (folha que possui formiga) que trouxeram do rio Traíra (afluente do Apaporis). Essa folha era bastante utilizada pelos Hupd'äh, que a passavam no corpo, com a finalidade de se tornarem bons caçadores, recorda um informante Hup. Ainda hoje alguns adultos se dirigem ao local para coletar essa folha para finalidades rituais. Após um período não muito longo, foram para W'áy bug (Rã), depois Säbäh (casa do Morcego), Mohóy kätäh (veado caído), Tö Kët mi' (pé de Ucuqui), Péj höy (umari caído), Beç má nó' (foz do igarapé Itui), Hõp pã' (igarapé bucho de peixe).

Em Hõp pã', já na época dos salesianos, os Ya'ám Dúb receberam um convite do grupo Sokwät para morar em Acará Poço (Döb dëh nó') e finalmente em Barreira Alta. Das famílias que vieram do sítio velho Hõp Pã até o território Tukano de Barreira Alta, somente um Sr. do clã Ya'am Dub e sua esposa — filha de uma Hup do clã Deh Puh Teh d'äh com um Kákwa —, que vivia em território colombiano — estão vivos e ainda residindo na comunidade.

Os homens mais velhos do clã Sokwät de Barreira Alta costumam contar que o homem de referência de seu clã chamava-se Mohóy Kã, ele era o mais poderoso e vivia no sítio velho Somoh Dó. Contam que Mohóy Kä' passou um mês no céu, e todos sentiam muito sua falta. Quando os Hupd'äh foram tinguijar[7], Mohóy Kä' apareceu, e todos ficaram surpresos e felizes. Dizem ainda que antigamente não havia muito peixe, então Mohóy Kä' mergulhou até a casa dos peixes, os trazendo em seguida para a superfície. Ele ficou submerso, aproximadamente, 10 minutos e voltou com os peixes, que bubuiavam, e assim, todos comeram satisfeitos. Segundo os informantes Hupd'äh, do clã Sokwät Nöh Köd Tëh D'äh, Mohoy Kã veio a falecer próximo ao lago que existe em Boca da Estrada (comunidade vizinha a Barreira Alta) e seu corpo foi enterrado próximo ao lago.

A partir dessas informações dos Hupd'äh, pode-se ponderar que a noção de pertencimento a um território está fortemente relacionada ao enterro de um avô, de um avô ancestral e consequentemente de seus pertences. Geralmente, as flautas do Jurupari — que pertenceram a esses avôs — ficam guardadas nesses locais, podendo ser utilizados por seus descendentes durante os rituais. A relação do espírito do morto com os lugares, onde em vida passou, também é muito forte, determinando as marcas que a pessoa deixou nos locais onde viveu, como os caminhos por onde passou, onde fez suas necessidades fisiológicas, onde costumava pescar, caçar e em sua roça. Geralmente, os Hupd'äh dizem ver o espírito de recém-falecidos, perambulando nesses locais por onde passaram em vida, sobretudo nos últimos momentos da vida. Esses "espíritos dos mortos" podem fazer mal aos vivos, por isso, também, a importância de mudar imediatamente, seja de espaço territorial (como o exemplo da mudança de Acará Poço para Barreira Alta), ou de casa, dentro de um mesmo povoado/grupo local (hayám), como vem ocorrendo com mais frequência para àqueles que residem em povoados grandes, como Barreira. Àqueles que ainda residem em *móy höd* (sítios) ocorre a mudança para outro sítio — em caso de falecimento — ou ainda pode ocorrer do grupo ir morar próximo aos cunhados no Hayám ou aos seus patrões/vizinhos Tukano.

Pode-se perceber, através dos relatos dos Hupd'äh, que — anterior ao contato de primeiro grau com os grupos "brancos" e primeiramente com os missionários — mudavam com muita frequência de lugar. Em um trecho do relato do Sr. Alberto:

> O Tukano, Ovídio, pai de Oséas, chegou pela primeira vez no sítio Somoh Dó, ensinando oração. Eu ainda era jovem. Nessa época, a gente não tinha ainda roupa, sal, rede, fósforo, terçado. Ovídio mandou os Hupd'äh vir mais para perto deles. Onde os Hupd'äh estavam morando, demorava 18 horas[8] caminhando. Era para os Hupd'äh morarem mais perto para Ovídio ensinar oração, e então os Tukano mandaram fazer só uma comunidade. Era na época do padre Norberto. (Méhtih Sokwät/Alberto Pires. Tradução simultânea: Crispiniano Dias Pires)

Somóh Dó (Irara Podre) é um sítio velho às margens do igarapé Yiyiw dëh, aproximadamente a duas horas de caminhada (no ritmo Hup, que é rápido, ritmado e atento) em relação à beira do rio Tiquié, na direção de Barreira Alta. Este local foi cedido para o clã Sokwät Noh Kod Tëh D'äh (Filhos do Bico do Tukano) pelo clã afim Ya'am-Dúb-Tëh-D'äh (Filhos do Rabo de Onça). Os Hupd'äh do clã Sokwät- Nöh-Köd-Tëh-D'äh já prestavam serviços para os

Tukano, do clã Turoponã de Barreira Alta muito antes do contato missionário. No entanto, a partir de uma intervenção "branca" mais intensiva, esse contato passou a ser cada vez mais próximo e frequente. A promessa de uma escola e as possibilidades de acesso aos produtos industrializados que ela oferecia também atraiu os Hupd'äh cada vez mais para a beira do rio. No entanto, ainda que tenham se fixado em um único espaço territorial por muito tempo, no caso de Barreira Alta, a mobilidade dentro desse espaço continuou, como relata Alberto:

> Chegaram a Barreira Alta, e Ermínio Marinho mandou os Hupd'äh fazer suas casas para morar (onde Sebastião mora hoje). Ali moraram 4 anos. Aí a esposa do Paulino ficou doida porque a Curupira[9] fez assim para ela. Ela morreu, e os Hupd'äh mudaram para onde o Mário está morando agora. Ali, a mãe de Mateus e Tancredo, Nazária[10] foi atingida pelo trovão e ela morreu. Os Hupd'äh ficaram com medo e mudaram mais para trás, onde é a comunidade Barreira II. Só Mário e Pedro continuaram ali mesmo (mais próximo do rio Tiquié–Barreira I). Era mais ou menos em 1998 quando isto aconteceu. Méhtih Sokwät/Alberto Pires. (Monteiro, 2011: 42)

Na realidade observada em 2010, entre os Hupd'äh de Barreira Alta, apesar da mobilidade residencial estar menos frequente, a mobilidade logística é ainda bastante intensa e se extendeu à cidade, como já foi dito. Os Hupd'äh apesar de residirem em uma comunidade ribeirinha Tukano, ainda utilizam os recursos de seu território, realizando incursões à mata para caçar, pescar em igarapés, coletar frutos, retirar cipós, podendo permanecer um, dois, três ou mais dias no interior da floresta para depois retornar à comunidade. Às vezes, ficam por mais tempo, sobretudo no período de férias escolares e em períodos de fartura dos frutos do mato — de dezembro a maio/junho. Durante janeiro de 2010, algumas famílias ficaram morando em suas roças, enquanto outra partiu para trabalhar por um mês para uma família Tukano, de Barreira Alta, que atualmente vive em Pari Cachoeira. Três famílias estavam em outro grupo local Hup, onde possuem parentes. Em fevereiro de 2010 duas famílias Hupd'äh foram visitar os seus parentes em grupo local Hup do igarapé Japu, afluente do rio Uaupés, retornando à Barreira somente em abril. Os professores Hupd'äh aproveitaram as férias para viajar até São Gabriel da Cachoeira, a fim de retirarem seus salários, realizarem compras, se divertirem na cidade, resolverem questões burocráticas e participarem, ainda que esporadicamente, de cursos promovidos pela Secretaria Municipal de Educação.

Destaca Reid (1979) que a mobilidade Hup não é apenas de um sítio para outro, mas também dos lugares dentro de um mesmo sítio ou até mesmo de casa. "[...] These annual renovations do not necessarily involve changes in

the location of the settlement, but usually involve the rearrangement of the houses within the site, and their occupants" (Reid 1979: 84). No entanto, considera que esta prática se tornou mais recorrente quando os Hupd'äh passaram a se fixar por mais tempo em uma mesma comunidade e com um número maior de pessoas. Estas mudanças de casa podem ocorrer por falecimento de um parente, por feitiços, por doenças. Tal prática é ainda bastante comum entre os Hupd'äh, não à toa a arquitetura de suas casas permite que estas sejam desmontadas com maior facilidade. Mesmo as casas de povoados Hupd'äh mais permanentes, como é o caso de Barreira Alta, onde as casas são basicamente construídas de esteios de madeira, cobertas com folhas de paxiuba (*Socratea exorrhiza*) ou caranã (*Copernica cerifera*) e, por vezes, cercadas com cascas de ambaúba (*Cecropia peltata*).

Nova Fundação, grupo local Hupd'äh, também denominado por Renato Athias (1995) como "povoado missão" é um caso a parte, pois as casas foram construídas com o auxílio dos missionários salesianos, sendo estas de pau a pique e com teto de zinco. Mas, ainda assim, os Hupd'äh não deixam de queimá-la caso alguém da casa venha a falecer, construindo em seguida uma nova moradia em outro espaço. No entanto, os Hupd'äh almejam uma casa de pau a pique e com cobertura de folhas de zinco, pois ter uma casa semelhante as dos Tukano confere-lhes status de "civilizado". Contudo, é interessante notar, que aqueles Hupd'äh que possuem casas com cobertura de zinco geralmente dormem em suas cozinhas cujas coberturas são de folhas de bananeira (*pihit két*), alegando ser mais agradável para dormir, por ser mais fresco e por ser possível fazer fogueira. Sintetizando, dorme-se bem.

A adaptação dos Hupd'äh em uma comunidade Tukano em Barreira Alta — já com um formato missionário — não foi fácil. Como lembrou um idoso Tukano, de Barreira Alta, os Hupd'äh, quando chegaram para morar na beira, não se acostumaram e também não estavam habituados a realizar trabalhos comunitários — como ainda hoje não o fazem sem a presença dos Tukano —, sempre saindo para a caçaria e a pescaria. "Passeavam pelo mato, passavam três ou quatro dias, e somente depois voltavam". Uma família não aguentou permanecer em Barreira Alta e logo voltou para o interior da mata, começando novamente com o "Jurupari". Importante lembrar que esse período de intenso contato missionário, o ritual do jurupari[11] — o qual não será discutido no presente artigo — era condenado pelos padres, conforme segue abaixo o relato de um informante Hupd'äh:

> Os padres, na época em que a gente vivia no mato, observou os Hupd'äh e disse que eles estavam fazendo errado, pois os velhos brigavam muito, roubavam as

mulheres, faziam muito jurupari. Soprava muito com jurupari, tinha muita briga e para ficar católicos, eles não podiam fazer assim, tinham que mudar para mais perto e ir para a escola. A gente mudou para mais próximo do rio para ficar como civilizados, ser como católicos né? Igual aos Tukano, mas o jurupari ninguém esqueceu não, os Hupd'äh continuam até hoje". (Informante Hupd'äh. Monteiro 2011: 142)

Segundo Fausto (2001: 125), "a política dos agentes coloniais e da sociedade nacional sempre visou a concentração e a fixação dos nativos em poucos locais, por razões econômicas, logísticas e ideológicas. A mobilidade e a dispersão foram percebidas como obstáculos à aculturação dos grupos indígenas". No rio Negro, sobretudo com a criação da Província do Amazonas em 1850, esses agentes coloniais, conhecidos também como Diretores de Índios, tinham a função de atrair grupos indígenas às margens dos rios de forma a "civilizá-los", engajando-os nos programas de serviço público da província (Andrello 2006: 82). Os índios que continuavam vivendo longe das margens dos rios, de difícil acesso aos agentes da colônia, o que inviabilizaria as relações comerciais, não poderiam ser considerados civilizados, inclusive os chamado "Maku", que também pelo contexto cosmológico da região, relacionado à perspectiva Tukano, seriam muitas vezes capturados pelos índios ribeirinhos a pedido dos agentes coloniais, para o trabalho forçado. Athias (1995: 75) informa que os Hupd'äh, inclusive, eram capturados pelos Tukano e vendidos como escravos.

De acordo com Andrello (2006: 82-83), na época da Província do Amazonas, os agentes coloniais dividiam as populações indígenas em três categorias: aquelas que viviam nos fundos das florestas, entre as quais, as tribos consideradas hostis; aquelas que viviam em malocas já conhecidas pelos agentes da colônia e que então comercializavam regularmente produtos das florestas com os brancos; e aquelas já habituadas à civilização, que trabalhavam para o serviço público na área da agricultura e da navegação. É nesse contexto histórico (que inclusive irá se acentuar com a chegada dos missionários salesianos, nas primeiras décadas do século XX), que os Hupd'äh parecem viver um dilema doloroso: se deixam de perambular no interior da floresta, como realizarão o Jurupari? Como continuariam coletando frutos e comendo carne de caça? Mas, por outro lado, se voltam a morar no interior da floresta, deixam de receber os benefícios da sociedade envolvente (serviços de saúde, educação formal, acesso aos produtos industrializados com maior facilidade) e não fortalecem o status de "civilizados", ainda que a concentração de muitos Hupd'äh em um mesmo local acarrete em maior

vulnerabilidade alimentar, trazendo graves consequências, sobretudo às crianças e aos idosos, sem contar os sérios problemas com a saúde além de possíveis desentendimentos entre os clãs, desencadeando em brigas durante o caxiri, que, aliás, é um momento onde as emoções podem ser extravasadas.

Athias (1995) relata que, durante sua pesquisa de campo, sentiu uma grande diferença em relação aos recursos econômicos dos Hupd'äh entre sua estadia na década de 1970 e depois, na de 1990, percebendo que a caça estava diminuindo e que durante seus treze meses de campo teve a oportunidade de comer carne de anta apenas em três ocasiões. Isto se deve muito ao fato dos Hupd'äh se concentrar, cada vez mais, em maior número de pessoas em um mesmo local. Se antes os Hupd'äh viviam em média entre 15 a 40 pessoas em um mesmo povoado, na atualidade essa realidade foi alterada, chegando a haver concentração de mais de 100 pessoas vivendo em um mesmo local. Mesmo assim, os atrativos da "civilização" (termo corrente entre os próprios Hupd'äh) ainda estimulam estes a preferir morar próximo ao rio, que por sua vez, é território Tukano.

Não obstante, os Hupd'äh de Barreira Alta mesmo permanecendo ali concentrados desde a década de 1970, ou seja, há pouco mais de 40 anos, ainda possuem um amplo conhecimento de seus territórios, reconhecendo os territórios dos clãs e a utilização destes pelos grupos domésticos, locais e regionais — ainda que atualmente perambulem com menos frequência em relação à época das pesquisas de campo de Reid e Athias. Na bacia do Uaupés, somente os Hupd'äh têm domínio do interior da mata, sabendo inclusive das trilhas que os levam aos Hupd'äh de outras calhas de rio, do lado brasileiro e colombiano. Tal domínio de conhecimento Hup do interior da floresta não só é reconhecido entre os próprios Hupd'äh, assim como também entre os grupos Tukano. No mês de março de 2010, um ancião Hupd'äh, tio do xamã de Barreira Alta, veio participar do ritual de Jurupari desta comunidade. Ele caminhou pela floresta, desde Turi-Igarapé (no rio Papuri), local de sua residência, até Barreira Alta (rio Tiquié). Como informa Athias (1995: 128) "os caminhos (*Hup-tíw*) passam necessariamente por todas as aldeias Hupd'äh e interligam todos os grupos regionais".

O conceito de sedentarização na literatura etnológica, a partir de Eder (*apud* Athias 1995: 165), está relacionado ao aldeamento, "[...] um aldeamento sedentário é aquele no qual a população, ou parte, permanece no mesmo lugar durante o ano inteiro". No caso da comunidade de Barreira Alta, os Hupd'äh já vivem no local há 40 anos. Analisando por este âmbito,

pode-se perceber que esta população específica se encontra mais sedentária no sentido de residência, no entanto, seu grau de mobilidade social durante o ano, entre o interior da mata e a beira-rio é ainda bastante expressivo.

Como refere Athias, "partindo da noção de sedentarismo (aldeamento) elaborada por Eder, os Hupd'äh enquadrariam-se como sedentários com um grau muito elevado de mobilidade" (1995: 165). Cabrera Becerra et al. (2000) apontam que os grupos étnicos, inclusive os Hupd'äh da família lingüística Nadahup, possuem uma tradição nômade e são considerados os descendentes dos mais antigos habitantes do noroeste amazônico. Todavia, ainda na década de 1990, eram os Nukak, que vivem no lado colombiano que, segundo informação pessoal de Reid para Athias (1995: 166), ainda estavam em constante movimento, residindo no máximo três dias em um mesmo local, o que os diferenciavam dos Hupd'äh que, apesar de possuírem ainda mobilidade territorial, estavam cada vez mais se concentrando em uma comunidade. Segundo Politis (*apud* Marques 2009: 59), "they probably represent one of the last opportunities to observe a hunter-gatherer society that still lives in a traditional way". Contudo, o contato recente com os agentes da sociedade envolvente levou os Nukak a uma situação frágil de sobrevivência, como ainda destacou Marques (ibidem).

Situação semelhante também ocorreu entre os Hupd'äh, de forma cada vez mais crescente a partir das décadas de 1950–1960.

## Bem Viver hoje: Barreira Alta, 2010

Os adultos Hupd'äh podem passar semanas trabalhando nas roças dos seus patrões Tukano em troca de produtos industrializados ou por mandioca. Podem também passar períodos na cidade: trabalhando em casas de família Tukano, sobretudo as jovens Hupd'äh, que cada vez mais buscam se apropriar do estilo de vida citadino. Os produtos e estilos da vida "moderna" são também valorizados: a vinda para a beira do rio, para a terra dos Tukano, a procura do saber e dos bens dos "brancos", são evidências disso.

Em Barreira Alta, apesar dos Hupd'äh sofrerem com problemas relacionados à saúde, renda e educação, outros valores são também evidentes: as crianças, além de estudarem na escola, brincam de caçaria: fazendo tapiris (acampamento de caça), os meninos caçando com pequenos arcos–e–flechas,

"fazendo de conta" que estão em um acampamento de caça, as meninas com seus pequenos cestos coletando frutinhas que se espalham pelo chão, em caminhos arborizados da comunidade. Estas atividades refletem a relação afetiva — e prática — que os seus pais e avós possuem com o que estamos chamando de 'território' Hupd'äh, que refere na atualidade aos locais onde perambulam regularmente no interior da floresta, visitando antigos sítios e percorrendo as trilhas que conectam esses lugares, conforme descritos na seção anterior. No que segue exploramos o que está por trás disso e medimos a sua importância.

Quatro décadas atrás Sahlins (1972) desmistificou a noção de que os caçadores e coletores vivem sempre à "beira da fome". No entanto, na literatura sobre os povos das terras baixas, permanecia um teor neoevolucionista, como Fausto (2001) notou, ao apontar que na etnologia sul-americana, a caça e a coleta estavam relacionadas à insegurança e à escassez alimentar, enquanto que a agricultura era vista como associada a uma vida de estabilidade e fartura. De acordo com Rival (2002: 29) os Huaorani eram considerados pobres por seus vizinhos por não permanecerem no mesmo lugar cultivando roças ao longo do ano. Algo semelhante costuma-se ouvir dos Tukano quando estes dizem que os Hupd'äh são pobres porque não gostam de trabalhar na roça, sempre largando os cuidados com o roçado atribuindo maior preferência às atividades no interior do mato. Partindo desta visão, os grupos tidos como caçadores e coletores seriam mais vulneráveis àqueles que possuem a agricultura como meio de sobrevivência. Por outro lado Fausto destaca, a partir das reflexões de Lévi-Strauss sobre os Nambikwara, que estes relacionam a vida sedentária e agrícola à melancolia e o período nômade à excitação. Da mesma forma, os Parakanã não percebiam de forma negativa o tempo passado no interior da floresta: "Para os Parakanãs, os períodos de *trekking* (caminhar em inglês) são marcados pela abundância, não pela escassez" (Fausto 2001: 153). Em *Los nukak: un mundo nómada que se extingue,* Cabrera Becerra et al. tece a seguinte reflexão, questionando a dicotomia horticultura–sedentarização: "Plantear que la horticultura está acompañada de la sedentarización y que esta a su vez implique una mayor complejidad social, es negar la posibilidad que una sociedad pueda combinar diversas estrategias en la transformación de la naturaleza" (Cabrera Becerra et al. 1998: 9).

As estratégias combinadas entre os Hupd'äh que os possibilitem viver bem em seu território aliam-se também à sazonalidade, se referindo basicamente ao trabalho na roça e inserções ao interior da mata. Mas,

no que alude o grupo local Hupd'äh de Barreira Alta, é bastante nítida a alegria no momento em que as famílias se direcionam ao mato e a expressão entediada ao se deslocarem à roça. Importante destacar que as incursões ao interior da floresta não se restringem a uma estratégia de subsistência, mas também remetem aos aspectos político-social e ritualístico da sua vida.

Para os Hupd'äh, as frutas do mato e/ou advindas da roça e pomar são complementos alimentares muito importantes em sua dieta. Nota-se também que se a família possui farinha e beiju, esta poderá trocar com alguém que tenha outros alimentos disponíveis, como carne de caça, peixes, saúvas, maniuaras. Estes alimentos, por sua vez, são os excedentes das incursões ao interior da floresta.

A expressão que traduzimos como "sentir fome", na língua Hupd'äh, é "Kúb hõ", onde kúb significa estar com fome; e hö, sentir, sendo que a palavra Ku' relaciona-se com o ruído produzido pelo estômago por causa da fome. Mas do ponto de vista Hupd'äh a sensação não pode ser entendida como um estado simplesmente fisiológico, por estar estreitamente relacionado ao *desejo* de alimentar-se com um determinado tipo de alimento. É seu processamento que torna o alimento saboroso de forma a satisfazer a sensação da fome, não simplesmente o fato de comer determinado ingrediente.

Geralmente, a oferta de alimentos desejados diminui entre os meses de junho–julho a novembro–dezembro, quando não há abundância de frutos do mato e menos possibilidade de carne de caça em relação aos outros períodos. Como assinala Athias (1995: 101):

> A busca de recursos entre os Hupd'äh é mais exaustiva do que entre os Tukano, que se encontra em uma localização privilegiada, em lugares onde a fonte de recursos e as condições de solo são bem mais produtivas que nas áreas interfluviais, onde vivem os Hupd'äh. Por outro lado, os Hupd'äh têm uma fonte de proteína através da caça, privilegiada em relação aos Tukano. Esta forma de adaptar-se ao ambiente criou especializações no sistema econômico de ambos os grupos e se refletem nas suas formas de se relacionar.

Os Hupd'äh de Barreira Alta não vão somente à mata com o único intuito de caçar e coletar frutos, mas também vão para descansar, para se divertir, para fugir de momentos conflituosos na comunidade e para fazer o ritual das flautas do jurupari[12] (*Döhö*[13]) que permeia toda a vida política, social e econômica do grupo.

O interior da floresta é um lugar onde os Hupd'äh exercem maior autonomia. Geralmente, quando às famílias vão para o mato, dizem que vão passear — "*äh keko'ay*" (vou passear no mato). Raramente dizem que vão trabalhar no mato. O trabalho é na roça — *b'òt b'i'iy* —, na própria comunidade onde vivem, ou quando existe algum tipo de contrato de trabalho entre Hupd'äh e Tukano, ou regatão. De acordo com Cabrera Becerra et al. (2000), Reid (1979) chegou a observar essa diferença entre *bi'iy* e *keko'ëy* (registrou *Bu'ui* e *Get ko'ai,* mas o sentido é o mesmo) na época de sua pesquisa, na década de 1990. Estar no mato, em acampamentos de caça é um momento de felicidade, onde os Hupd'äh se sentem completamente à vontade. As atividades de caça e coleta dos frutos trazem um sentimento de bem estar.

As mulheres Hupd'äh além de outras tarefas cotidianas como cuidar dos filhos e da organização da casa, chegam a trabalhar sete horas por dia somente na agricultura: capinagem, plantio, replantio, colheita; e o processamento da mandioca: descascar, ralar, espremer, torrar farinha, fazer beiju, fazer manicoera, fazer tapioca e, semanalmente, fazer caxiri. Geralmente reclamam de constantes dores no corpo por causa do excesso de trabalho, o que exige muito esforço físico. Também, por esse motivo, as incursões ao mato são consideradas um descanso às mulheres, como também pode ser observado em Cabrera Becerra et al. (2000: 154), a informação de que as mulheres Hupd'äh descansavam da árdua tarefa, relacionada a produção e processamento da mandioca, apenas quando partiam para a coleta de frutos no mato.

Neste sentido, as formas específicas em que os Hupd'äh se posicionam frente à atividade de perambular no interior da floresta constituem seu *ethos*, diferindo culturalmente dos seus vizinhos Tukano. Se levarmos em consideração as brincadeiras cotidianas das crianças Hupd'äh — citadas anteriormente — vamos perceber que isto também se trata de uma produção cultural, através do "habitus" — que de acordo com Bourdieu (2004: 61), é um conhecimento adquirido e também um haver, indicando a disposição incorporada.

Consideramos coerente a noção de *ethos* para compreender que mesmo os Hupd'äh vivendo, na atualidade, em grandes comunidades não deixaram de perambular em seus territórios tradicionais, muito embora tenham ocorrido algumas transformações, no habitus Hupd'äh, relacionadas com o próprio histórico de colonização do Alto Rio Negro, da mesma maneira que José Antonio Kelly aponta em relação aos Yanomami no que se refere ao "modo como, agora, as pessoas comem a comida dos brancos e vestem suas roupas;

às vezes, também, à adoção de tetos de zinco e de motores, e à mudança do habitar o 'fundo' da floresta para morar nas proximidades dos grandes rios" (Kelly 2005: 10).

Os Hupd'äh costumam dizer que em períodos que o mato não oferece abundância de frutos eles possuem como alternativa a beira do rio, os produtos industrializados advindos da cidade e benefícios do governo, adquiridos também na cidade. No entanto, no interior da floresta não existe o "*páy mún kërës*" (traduzido como sofrimento) em períodos de frutos do mato, como pode existir em povoados à beira do rio e na cidade durante o ano inteiro, caso a família não possua condições de se manter. Em 2010, das 24 famílias Hupd'äh de Barreira Alta, seis não possuíam roças. Contudo, mesmo entre as famílias possuindo roças nas proximidades do povoado, o trabalho cotidiano na agricultura é encarado como um sofrimento, porém necessário para viver em comunidade.

## Considerações finais

Levando em consideração os dados da pesquisa de campo, realizados em 2010, e a discussão na literatura etnológica a cerca da família linguística Maku, é possível destacar que os Hupd'äh de Barreira Alta, mesmo residindo na comunidade Tukano, do sib "Turoponã", há aproximadamente 40 anos, continuam, na atualidade, ocupando o interior da floresta. Observamos também que ser caçador e coletor não exclui as atividades horticultoras e o ato de promover constantes incursões no interior da floresta não é tão somente determinado pelo plano econômico ou por fatores ecológicos, mas, sobretudo, faz parte de uma visão de mundo, guiada por atitudes emocionais que permeiam toda a vida política, social e econômica do grupo e que constituem a mobilidade territorial Hupd'äh.

Entende-se também que esse grupo local Hupd'äh de Barreira Alta sempre prestou serviços ao sib dos Turoponã, mantendo uma relação secular de vizinhança, mas que a influência salesiana, associada a uma série de acontecimentos de tentativas colonizadoras, culminou na mudança do grupo Hupd'äh para a comunidade ribeirinha Tukano, momento em que a relação de patrão/empregado se intensificou uma vez que os Hupd'äh passaram a trabalhar com mais assiduidade nas roças de seus patrões.

Como já foi dito, para os Hupd'äh, viver em comunidade ribeirinha, ou mais próxima ao rio, é ser civilizado, algo considerado vantajoso do ponto de vista político-econômico. Contudo, para alcançar esse status é preciso um grande esforço do grupo local para que se torne possível o convívio comunitário, que necessariamente relaciona-se com o cultivo de roças e, no caso de residência em comunidade ribeirinha, de certa subordinação aos Tukano. Pode-se dizer que as incursões ao interior da floresta são também consideradas como estratégia de manutenção das relações político-sociais, pelos Hupd'äh, uma vez que ajudam na manutenção da "boa vizinhança". Este fato é aclarado quando os Hupd'äh decidem passar uma temporada em acampamentos de caça logo após brigas com parentes ou com os Tukano, retornando, depois, renovados para a comunidade.

Tal como os caçadores e coletores Huaorani, (Rival 2002: 28), os Hupd'äh dificilmente se cansam ou se perdem andando no mato. As formas específicas em que os Hupd'äh se posicionam frente à atividade de perambulação no interior da floresta, como enfatizar que "não se cansam", ou que "sentem felicidade", constituem seu *ethos*, e isso marca profundamente as formas em que se relacionam com outras esferas da sua vida atual. Para os Hupd'äh não realizar as incursões no interior da floresta também pode significar estar desprotegido no mundo. Por outro lado, o ato de não cultivar roças pode ameaçar a sobrevivência do grupo local em uma comunidade ribeirinha, o que também é justificativa para o "*páy mún kërës*" (viver mal). Desta forma, a noção de "*Náw ibiy*" (viver bem) Hupd'äh, expressa aqui, se relaciona mais com um conjunto de estratégias — político, econômico e social — na maioria das vezes difíceis de articular, mas que são combinadas pelos Hupd'äh no dia–a–dia com a finalidade de possibilitar-lhes uma vida mais plena em seu território.

## Agradecimentos

Agradecemos à revista *Mundo Amazónico* pelo incentivo e publicação do nosso artigo. À Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro e Fundação Nacional do Índio, que autorizaram a incursão em território indígena (rio Tiquié/Alto rio Negro/Amazonas), possibilitando o trabalho de campo. Ao prof. Dr. Renato Athias, à organização não-governamental

Saúde Sem Limites e o Programa de Pós-Graduação em Antropologia, da Universidade Federal da Bahia, por todo apoio durante a pesquisa de campo. Por fim, aos Hupd'äh, pelos ensinamentos cotidianos sobre o que é essencial para ser e estar bem no mundo.

## Notas

1 Parte do presente texto foi extraído da dissertação de mestrado em antropologia "Territorialidade e Mobilidade: estudo etnográfico de um grupo local Hupd'äh do médio rio Tiquié, Amazonas", desenvolvida por Lirian Monteiro no Programa de Pós Graduação em Antropologia da UFBA, sob orientação da profa. Dra. Cecília Anne McCallum (v. Monteiro 2011).

2 A vogal *i* cortado pronuncia-se como em inglês women. É uma vogal central alta não arredondada. Pronuncia-se com a massa da língua na metade do caminho entre *i* e *u* (Ramirez 2006). Náw →b→, traduzindo ao pé da letra, significa "fazendo bem", mas o sentido atribuído pelos Hupd'äh de "viver bem" relaciona-se com "fazer bem".

3 O povo Hupd'äh, assim como os Däw, Yuhup, Kákwa (Bará-Maku), Nukak e Nadëb, configura o tronco linguístico, até então, denominado 'Maku' na literatura etnológica. O termo Maku é altamente ofensivo aos Hupd'äh. Como observa Athias (1995), Maku é uma palavra Aruak, que significa povo sem fala (*Ma:* privativo/ *aku*: fala). Os Aruak, no início do contato com esses povos os denominaram Maku, termo que viajantes missionários e pesquisadores passaram a empregar. Tal denominação na região do Alto Rio Negro é depreciativa. Na cidade de São Gabriel da Cachoeira, quando um chama o outro de Maku, também quer dizer: sujo, feio, não-civilizado. Atualmente a linguista Epps (2008) propôs o termo Nadahup para a família linguística até então conhecida como Maku.

4 Caxiri é uma bebida fermentada a base de mandioca.

5 Assemelha-se à família nuclear. É a unidade mínima de produção e consumo (Athias 1995).

6 Geraldo Andrello denomina esses sítios de "unidades domésticas isoladas" (2006: 28).

7 Uma das técnicas de pesca em igarapés, que consiste em jogar timbó (um tipo de veneno extraído de cipó) na água, de forma a capturar os peixes que bóiam logo após a ação do tóxico.

8 Sr. Alberto (um senhor de referencia do clã Sokwät em Barreira Alta, falecido em 2011) informou 18 horas com o intuito de explicar que era longe de Barreira Alta, mas Somoh D'öh se distancia a duas horas da comunidade ribeirinha.

9 “Döh-ãy” na língua Hup é uma entidade que habita a floresta. Para os Hupd’äh, é uma mulher com longo cabelo e tem os pés voltados para trás. De acordo com Luis da Camara Cascudo (1984: 114), a palavra *curupira*, na mitologia indígena, significa “corpo de menino”, que vem da abreviação: *Curu* (*curumim*): menino mais *pira:* corpo. “Curupira é a mãe do mato, o gênio tutelar da floresta que se torna benéfico ou maléfico para os frequentadores desta, segundo circunstâncias e o comportamento dos próprios frequentadores. Figuram-no como um menino de cabelos vermelhos, muito peludo por todo o corpo e com a particularidade de ter os pés virados para trás e ser privado de órgãos sexuais”.

10 Mãe do pajé Mateus. Tancredo é seu filho mais jovem. Foi casada com Francisco Goes (clã Kog Keg). Após o falecimento de seu esposo casou-se novamente com Sr. Bibiano Dias (Ya’am Dub). Dessa união não houve filhos.

11 O Jurupari e dabucuri, juntamente com a Maloca, são as instituições que dão base às relações dentro do sistema cultural da bacia do Uaupés (Athias 1995).

12 “É um conjunto de mitos que, em sua essência, contém os códigos sociais patriarcais e onde exorta a exogamia lembrados em cerimônias rituais entre os habitantes da bacia do Uaupés” (Athias 1995: 178).

13 *Döhö em Hup* significa “Herói cultural, dono dos instrumentos musicais” (Ramirez 2006: 55).

## Referências


ANDRELLO, GERALDO. 2006. *Cidade do Índio: Transformações e cotidiano em Iauaretê.* São Paulo: Unesp.

ATHIAS, RENATO. 1995. Hupd'äh-Maku et Tukano: Relations inégales entre deux sociétés du Uaupés Amazonien. Tese de Doutoramento, Université de Paris X (Nanterre).

BELAUNDE, LUISA ELVIRA. 2001. *Viviendo Bien: Género y Fertilidad entre los Airo-Pai de la Amazonia Peruana*. Lima: CAAAP – BCRP.

BOURDIEU, PIERRE. 2004. *O Poder Simbólico.* 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.

CABRERA BECERRA, GABRIEL. 1999. "Gentes con cerbatana, canasto y sin canoa". *Nómadas,* s. l.: s. ed.

CABRERA BECERRA, GABRIEL et al. 2000. "Nukak, kakua, juhup y hupdu (makú): cazadores nómadas de la Amazonía colombiana", p. 86. Em: *Geografía humana de Colombia.* Bogotá: Instituto Colombiano de Antropología.

————. 1998. *Los nukak: Un mundo nómada que se extingue.* Bogotá: Fundación Gaia Amazonas.

CAMARA CASCUDO, LUIS DA. 1984. *Literatura Oral no Brasil.* 3ª ed. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo.

EPPS, PATTIENCE. 2008. *A Grammar of Hup.* Berlin – New York: Mouton de Gruyter.

FAUSTO, CARLOS. 2001. *Inimigos Fiéis: história, guerra e xamanismo na Amazônia.* São Paulo: Edusp.

KELLY, JOSÉ ANTONIO. 2005. "Notas para uma teoria do 'virar branco'". *Mana* 11 (1). Rio de Janeiro.

MACHADO, MARINA et al. 2009. "Perfil Demográfico dos Hupd'äh – Povo Maku da região do Alto Rio Negro". *Revista Brasileira de Estudos Populares* 26 (1): 37-50.

MARQUES, BRUNO. 2009. Figuras do movimento: Os Hupdah na literatura etnológica do Alto Rio Negro. Dissertação de mestrado, PPGAS-MN/UFRJ.

McCALLUM, ANNE CECÍLIA. 1998. "Alteridade e Sociabilidade Kaxinauá: Perspectivas de uma antropologia da vida diária". *Revista Brasileira de Ciências Sociais* 13 (38). São Paulo.

MONTEIRO, LIRIAN. 2011. Territorialidade e Mobilidade: Estudo Etnográfico de um Grupo Local Hupd'äh do Médio Rio Tiquié, Amazonas. Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia.

OVERING, JOANNA. 1999. "Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica". *Mana* 5 (1): 81-107.

OVERING, JOANNA E ALLAN PASSES (orgs.). 2000. *The Antropology of Love and Anger: The aesthetics of conviviality in Native Amazonia.* London: Routledge.

RAMIREZ, HENRI. 2006. *A Língua dos Hupd'äh do Alto Rio Negro: dicionário e guia de conversação.* São Paulo: Associação Saúde Sem Limites.

RAMOS, ALCIDA RITA. 1980. "Patrões e clientes: relações intertribais no Alto Rio Negro". Em: *Hierarquia e simbiose: relações intertribais no Brasil*, pp. 135-182. São Paulo: Hucitec.

REID, HOWARD. 1979. Some aspects of movement, growth and change among the Hupdu Maku Indians of Brazil. Tese de Doutorado, University of Cambridge.

RIVAL, LAURA. 2002. *Trekking Through History: The Huaorani of Amazonian. Ecuador.* New York: Columbia University Press.

SAHLINS, MARSHALL. 1972. "The Original Affluent Society". In: *Stone Age Economics. Hawthorne.* Chicago: Aldine.

Fecha de recepción: 01/11/2012

Fecha de aceptación: 22/04/2013